



SARDOAL
MUNICÍPIO

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SARDOAL

ATA N° 2/2025

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

25 DE ABRIL DE 2025

PRESIDENTE: Alcina Almeida

1º SECRETÁRIO: Rita Navalho

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e cinco pelas dezassete horas, reuniu em sessão extraordinária, a Assembleia Municipal de Sardoal, no Sala Polivalente do Centro Cultural Gil Vicente, em Sardoal, com a seguinte Ordem de Trabalhos:-----

Ponto Único: "Princípios e Valores do 25 de Abril, em Abril de 2025."

Seguidamente procedeu-se à chamada, tendo-se verificado a presença dos seguintes deputados da Assembleia:-----

Adérito Garcia, Marta Gomes, Pedro Pereira, Rui Valente, Dora Grácio, Fernando cascalheira Vasco, Marcelo Serras, Rita Navalho, Paulo Lourenço, Adriano Martins, Vítor Morais, Alcina Almeida, Miguel Catalão Alves, Paulo Pedro, Dora Santos, Duarte Batista. ----

Estiveram presentes os Senhores Presidente da Câmara, Vice-Presidente e Vereadores, Pedro Duque e Patricia Silva.-----

Não estiveram presentes os seguintes deputados: Miguel Alves, Joana Ramos, e César Marques, tendo os mesmos justificado a sua falta.-----

A Senhora deputada Alcina Almeida em substituição do Senhor Presidente da Assembleia Municipal, presidiu a reunião, dando início à mesma com uma proposta de um minuto de silêncio pelo falecimento do Papa Francisco.-----

Tomou a palavra o Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Sardoal, referindo o seguinte:-----

"Neste dia em que comemoramos o 25 de Abril, impõe-se refletir e exige-se celebrar. Celebrar Abril é honrar a coragem dos que ousaram sonhar, lutar e conquistar a liberdade. Mas a democracia não se ergue apenas sobre conquistas passadas; constrói-se com coragem, com equilíbrio e com verdade, não com revisionismos seletivos, nem com discursos moldados ao sabor das campanhas.

Pergunto-vos, então: que fazemos hoje, em 2025, com essa liberdade conquistada? Assistimos à degradação dos processos democráticos, com partidos que deixaram de formar consciências para apenas recrutar rostos.

Candidaturas improvisadas, escolhidas ao acaso, ao clique, à pressa, sem valores, sem preparação, sem ligação às comunidades que pretendem representar.

Substituímos o mérito pela aparência.

Entrámos no palco do espetáculo político, onde abundam protagonistas, das redes sociais.

Mas o país real, o que vive, sofre e resiste, não cabe em TikToks.

A justiça social não se mede por visualizações, mas sim pela missão de serviço ao bem comum.

*Pior ainda: transformam-se os tribunais em atores políticos.
Anunciam-se processos em plena campanha eleitoral, como se o Ministério Público se pudesse substituir ao voto soberano.
Investigações reabrem-se por erro, por negligência ou por conveniência, como se a lei fosse um instrumento maleável, e não um pilar do Estado de Direito.
Mas nem todos os políticos são iguais.
Nem todos entram de motosserra pelos comícios, nem todos cultivam o caos económico e social.
Nem todos gritam para dividir, ainda há quem saiba escutar para unir.
E é por isso que é urgente voltar a falar de valores.
Hoje, nesta Assembleia, não falo como adversário político de ninguém.
Falo como filho de Abril.
E, como tal, recuso a visão estreita de que democracia é apenas votar de tempos a tempos.
Democracia é muito mais: é justiça, é ética, é responsabilidade, é fraternidade.
Por isso mesmo, urge defender a escola pública, as políticas de habitação, da cultura, do desporto e do Serviço Nacional de Saúde, um dos mais preciosos legados de Abril.
O SNS é um direito fundamental, que deve estar acima de interesses, de lucros e de lobbies.
Mas, meus senhores, vivemos tempos perigosos.
O mundo revive tentações antigas com rostos novos.
As oligarquias ressurgem, travam-se guerras de anexação, cobiçam-se territórios.
Gronelândia, Ucrânia, até o Canadá, nada escapa à voracidade do poder.
E entre ameaças geopolíticas, discutem-se tarifas como crianças num recreio
Enquanto isso, milhões de seres humanos sobrevivem sem saber como garantir a próxima refeição.
E é aqui que Abril nos exige lucidez.
No meio do ruído, há vozes que perduram.
Há despedidas que se tornam eternas lições de humanidade.
Neste Abril de 2025, despedimo-nos de um homem que não foi apenas um líder espiritual.
Foi um farol moral num mundo em escuridão crescente.
E, na hora da sua morte, pediu apenas um nome: Franciscus.
Não exigiu homenagens, nem títulos, nem estátuas.
Apenas silêncio. E exemplo.*

Enquanto os poderosos ambicionam terras, querelas e glória em vida, os justos partem com dignidade, deixando ao mundo apenas aquilo que realmente importa: a força do exemplo.

Este é o espírito de Abril.

Este é o legado que devemos proteger.

E é esta a escolha que cada um de nós deve fazer, todos os dias.

Hoje, aqui, eu escolho Abril.

E convido todos, sem exceção, a fazer o mesmo.

Antes de concluir, permitam-me uma palavra final, com sentido institucional, mas também pessoal.

Este será, o último Abril do atual Presidente da Câmara Municipal de Sardoal, Miguel Borges, enquanto titular desse cargo.

Apesar das diferenças políticas, e por vezes até pessoais que nos separaram, desejo-lhe, com sinceridade, as maiores felicidades para o caminho que se segue.

Porque também isso é Abril: respeitar o outro, mesmo na divergência.

E reconhecer o serviço prestado à causa pública como um ato que merece ser dignamente encerrado. Felicidades uma vez mais.

Muito obrigado a todos. Viva o 25 de Abril! E nunca por nunca o deixemos de celebrar!" -----

De seguida tomou a palavra o Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Valhascos, que disse o seguinte: -----

"Hoje celebramos o 25 de Abril. Uma revolução feita por soldados e civis, mas também por sonhos. Sonhos de liberdade, de justiça, de poder viver sem medo. Sonhos como os que nós também temos.

Nós, que crescemos numa democracia, não vivemos o silêncio forçado, a censura, ou a prisão por dizer o que se pensamos. Mas isso não significa que a luta tenha terminado. A liberdade não é só um direito — é uma responsabilidade. E a nossa geração tem um papel fundamental neste novo tempo.

Vivemos dias estranhos. Há uma guerra a decorrer na Europa. Há um mundo a arder em várias frentes: climática, económica, social. E quando as pessoas têm medo ou estão cansadas, surgem sempre os mesmos perigos: o populismo e a demagogia.

Sabem o que têm em comum? Ambos prometem tudo e explicam pouco. Dizem o que querem ouvir, não o que precisamos de saber. Simplificam os problemas e apontam culpados em vez de construir soluções. E muitas vezes usam a liberdade para atacar... a própria liberdade.

É por isso que é tão importante pensar, questionar, debater. Não basta partilhar frases feitas nas redes sociais. É preciso ir ao fundo. Informar-se. Estar atento. Ter espírito crítico. A nossa geração tem ferramentas que nunca ninguém teve. Têm acesso ilimitado à informação, têm voz, têm redes sociais que chegam ao mundo todo. Mas também têm um desafio enorme: saber distinguir o verdadeiro do falso, o justo do oportunista, o corajoso do demagogo.

O futuro de Abril está nas nossas mãos. Está na forma como decidimos participar. Se votamos. Como nos envolvemos. Se exigimos transparência. Se dizemos “basta” quando alguém tenta manipular-nos com discursos fáceis e vazios.

Hoje, ao recordar o 25 de Abril, não estamos apenas a celebrar o passado. Estamos a lançar um apelo ao futuro. E esse futuro somos nós.

Não deixem que ninguém vos diga que não são capazes. Que a política não interessa. Que “eles são todos iguais”. Essas frases são perigosas — são o combustível da demagogia.

Muitos dizem que “os políticos são todos iguais”.

Que a política não serve para nada.

Que é só corrupção e promessas vazias.

Mas quando deixamos de acreditar, quem ganha são os profetas da desgraça.

Quando deixamos de participar, abrimos a porta a quem quer o poder... sem merecê-lo.

A demagogia não se combate com desistência — combate-se com vigilância, com ação, com escolhas conscientes.

Nem todos os políticos são iguais.

Existem pessoas sérias, que trabalham todos os dias com honestidade e sacrifício.

Mas elas precisam do nosso apoio — e da nossa exigência.

Não basta apontar o dedo.

É preciso votar, participar, fazer perguntas, cobrar respostas.

Porque quando dizemos que são todos iguais... estamos a dar força aos que realmente não prestam.

E a liberdade — que custou tanto a conquistar — não se defende com indiferença.

Defende-se com coragem.

Sejam inquietos. Sejam atentos. Sejam livres.

E acima de tudo: nunca deixem que o medo vença a esperança.

Viva o 25 de Abril.

Viva a Juventude.

Viva a Liberdade.” -----

Seguidamente tomou a palavra o Senhor Deputado Fernando Vasco, cujo discurso a seguir se transcreve: -----

"A todas e a todos, as nossas melhores saudações neste dia 25 de abril de 2025, em que se comemora, nesta Assembleia extraordinária, o quinquagésimo primeiro aniversário do 25 de abril de 1974, e quinquagésimo aniversário das primeiras eleições livres realizadas após 48 anos de ditadura, por iniciativa subscrita por todos os membros do Grupo Municipal do Partido Socialista, no exercício de um direito potestativo consagrado no regimento desta Assembleia Municipal.

O tema, em apreço nesta nossa reunião, subordina-se aos "Princípios e Valores do 25 de Abril, em Abril de 2025."

Gostaria, no entanto, de introduzir neste debate a análise à questão de saber, se faz sentido em 25 de abril de 2025, estar a discutir os princípios e valores que nos foram introduzidos na sequência da "revolução do 25 de abril de 1974".

Vejam os em concreto:

Hoje estamos aqui, a debater livremente, a expor os nossos pontos de vista, as nossas opiniões, numa sala em que todos os cidadãos livremente tem acesso, convocados por um partido político que, em eleições autárquicas os cidadãos eleitores, no concelho de Sardoal, lhes atribuíram o número de votos que lhes possibilitou poderem usufruir de um direito consagrado no regimento desta assembleia que se traduz no poder de solicitar a convocação extraordinária desta assembleia e propor a respetiva Ordem de trabalhos.

Seria isto possível antes do 25 de abril?

A resposta é não, de facto não era possível realizar esta sessão antes do 25 de abril de 1974.

E a razão é clara:

Havia uma ausência de liberdade, de reunião e de associação, era proibido reunir, havia poucas associações e as que existiam eram dentro dos órgãos do regime, dentro da PIDE, dentro da legião portuguesa.

Várias eram as associações que não tinham condições para se reunir livremente, para dizerem aquilo que queriam dizer e fazer o que entendiam que devia ser feito.

Não existiam partidos.

Existia o Partido do Governo, que era a União Nacional, que ganhava sempre, por grandes maiorias, porque as eleições eram fraudulentas, não eram livres, muito embora tivessem em 1969 e 1973, concorrido grupos da oposição, a CDE e a CEUD.

Havia repressão e prisão por delitos de opinião, havia quatro grandes cadeias, Peniche, Caxias, Aljube e Tarrafal, para onde foram muitos portugueses pertencentes à Oposição.

Como são diferentes os princípios e valores vigentes antes do 25 de Abril de 1974 e aqueles que resultaram da consagração de um regime democrático consubstanciado na Constituição da República Portuguesa de 1976.

E foi a consagração constitucional, no seu artigo 1.º, de que “Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na construção de uma sociedade livre, justa e solidária.”

Que permitiu que o povo português, criasse as suas comissões de moradores, de trabalhadores, associações, as comissões administrativas e elegeisse livremente os primeiros autarcas que vieram a transformar as idas dos cântaros à fonte, por água canalizada, as candeias de azeite, por eletricidade, os caminhos de carroças por estradas alcatroadas, a ausência de casas de banho pela existência de saneamento básico para toda a população.

A todas e a todos o nosso bem-haja.

A Saúde e a Educação, igualmente para todos, passaram a ser Direitos fundamentais de todos os cidadãos.

Consagrou-se igualmente o direito a uma habitação social condigna, criaram-se estruturas de tratamento de águas residuais, alargou-se a rede de esgoto, defendeu-se e conservou-se o património público.

Foi, igualmente, abril que nos integrou numa Europa democrática de princípios e valores universalmente reconhecidos.

Sem abril, não teríamos um Serviço Nacional de Saúde, uma Escola Pública e uma Segurança Social que garantem a todos os nossos concidadãos uma vida digna.

Por isso Queremos aqui, nesta Assembleia que representa todo o Povo do Sardoal prestar duas sentidas homenagens:

Uma primeira, na pessoa da primeira Presidente de Câmara do Sardoal, Francelina Chambel, livremente eleita pelos Sardoalenses, a quem saúdo fraternalmente, e a todas aquelas e aqueles, integrantes das novas estruturas do poder local ou do poder popular, como as associações de moradores, os grupos de ação cultural, teatrais, musicais, desportivos e tantos outros existentes nas nossas freguesias, que no pós 25 de Abril contribuíram, com o seu esforço, iniciativa e empenho solidário, para superar as dificuldades imensas, e, desta forma, responder às mais básicas necessidades sentidas pelas populações.

Água, luz, saneamento básico, mas também, paz, pão, habitação, saúde, educação, cultura, desporto.

A segunda homenagem é igualmente da mais elementar justiça apresentar neste dia 25 de abril:

Permitam-me invocar solenemente nesta sessão a memória de três capitães de abril, já infelizmente desaparecidos e que tiveram a responsabilidade de planejar e comandar a operação militar do 25 de abril, de escrever o programa político do MFA e comandar a principal coluna militar que saiu de Santarém, até ao Largo do Carmo, respetivamente, Otelo Saraiva de Carvalho, Ernesto Melo Antunes e Fernando Salgueiro Maia.

A eles, bem como a todos os militares que fizeram o 25 de abril, o nosso muito obrigado. Faz hoje exatamente 50 anos, que no dia 25 de abril de 1975 alguns de nós, mas seguramente os nossos pais e nossos avós, tivemos o privilégio político, mas também o dever cívico de participar nas primeiras eleições livres e escolher, por esta via, os seus representantes para a Assembleia Constituinte.

Votaram nessas eleições 91,66% dos eleitores inscritos.

Nas legislativas de 2022 foi de 51,42% dos eleitores inscritos

A Constituição da República Portuguesa de 1976, veio a ser aprovada em 2 de junho de 1976 e aí ficaram consagrados todos os princípios, direitos e deveres, dos cidadãos e da República que nos permitem estar aqui hoje em democracia a usar da palavra com total liberdade.

É por estas singelas razões que faz todo o sentido em 25 de abril de 2025, estar a discutir os princípios e valores que nos foram introduzidos na sequência da “revolução do 25 de abril de 1974”

Uma última palavra para reiterar um alerta democrático, que já aqui explanei anteriormente, mas que hoje, mais do que nunca, se justifica trazer novamente à lide:

É obrigação de todos os democratas, de estarem vigilantes com as ervas daninhas que crescem em Portugal, no Sardoal, na Europa e por este mundo fora, na forma de movimentos populistas, extremistas, antissistema ou outros devidamente enquadrados pelo sistema.

A perigosidade destes movimentos resulta do facto de através de argumentos falaciosos, explorarem a emoção e as dificuldades objetivas da população e se encontrarem inseridos em estruturas democráticas através do voto popular.

Este é um combate de todos os dias, pelo esclarecimento, pela verdade, que todos aqueles que defendem uma democracia assente nos valores da liberdade, da fraternidade e do desenvolvimento não poderão deixar de participar.

Sopram já, não somente ventos de guerra na Europa, mas várias guerras concretas, reais fratricidas, também em vários locais do nosso planeta.

Nunca o valor paz, desempenhou um papel tão fulcral no prosseguimento dos regimes democráticos e do desenvolvimento social.

Cumpre-nos, a nós, a todas e a todos nós, democratas, denunciar, combater, desmascarar, através da palavra, da verdade e do voto, os ventos negros que sopram sobre a nossa democracia e sobre a paz no mundo.

Viva o 25 de abril.

Viva a República.

Viva o Sardoal.

25 de abril sempre.”

Interveio o Senhor Vereador Pedro Duque para referir o seguinte: -----

“Felizmente, no Sardoal, o 25 de abril celebra-se a 25 de abril de cada Ano.

E em 2025, não deixou de ser assim.

Foi assim, hoje de manhã com o tradicional hastear da bandeira e restantes atividades promovidas pelo Município em colaboração com as Juntas de Freguesia. Está a ser agora através da realização desta Sessão Solene, por iniciativa do Grupo Parlamentar do Partido Socialista da Assembleia Municipal de Sardoal.

Celebrar o 25 de Abril, neste ano de 2025 parece não ter tido o mesmo significado para todos os portugueses, desde logo para o Governo da Nação, que por de trás de um argumento que só ele entende, quis desvalorizar e desconsiderar esta celebração, afinal a celebração do dia a partir do qual nos passou a ser possível, por exemplo expressarmos livremente, civicamente e publicamente a nossa opinião e o nosso ponto de vista sobre as mais variadas matérias e adiou as celebrações oficiais do dia da Democracia com um D Grande em Portugal, para um dia de Maio.

E o Argumento apresentado até é contraditório, pois o falecimento do Papa Francisco, cujo pontificado se notabilizou pelo defesa dos valores mais simples, mas igualmente mais importantes da vida em comunidade, e não só dos Cristãos, nos quais me incluo, foi sempre no sentido da Justiça, da congregação, da solidariedade, da tolerância, da ajuda ao próximo, mas sempre na maior das simplicidades.

Por analogia, O Papa Francisco sempre foi defensor dos valores que nós, ou melhor, que alguns de nós celebramos em cada ano, ao celebrarmos o 25 de Abril, seguramente não apreciaria que este dia deixasse de ser celebrado.

Por outro lado, esta tentativa de desvalorização do sentido do 25 de Abril, tem por detrás um sentimento reprimido, relativo a questões do passado com que alguma direita ainda não aprendeu a viver democraticamente e que insiste periodicamente em trazer à agenda.

Nunca se sabe quando é que não nos virá um dia a ser proposta a celebração da liberdade, num dia qualquer entre abril e novembro.

Mas ainda bem que no Sardoal, somos diferentes.

No entanto os valores de abril, em 2025 são igualmente adulterados a outros níveis...

Quando temos governantes com responsabilidades acrescidas, em claro abuso da liberdade que lhe foi facultada a partir de abril, sem qualquer pudor, desrespeitam os mais elementares deveres de ética e transparência e ao invés afrontam e culpabilizam, quem por direito e competência meramente exercem o seu escrutínio e não hesitam em mergulhar o país numa crise política que tem tanto de desnecessária como de inoportuna. Os valores de abril, por esta altura, são igualmente atropelados constantemente, por responsáveis políticos, que imbuídos num discurso populista, na caça ao voto do descontentamento, promovem o medo, a desunião, a xenofobia e a desconfiança relativamente a quem, pelos vistos, até nem se tem assim tanto a apontar.

Inclusivamente ao nível do funcionamento das instituições públicas que queremos independente, mas sobretudo justo e coerente, vemos diariamente os valores de abril serem adulterados.

Torna-se mais que evidente uma ingerência propositada e programada por parte do Ministério Público, relativamente à forma como a política e as escolhas dos Portugueses deverão recair em cada ato eleitoral. Não foi para isto que criámos uma Democracia, a independência de que por definição este órgão deve dispor, não pode ser permeável a posturas aleatórias, ou talvez não, carregadas de subjetividade e suscetíveis da maior suspeição.

E tudo isto, para não falar no panorama internacional, onde passada uma relativa acalmia e estabilidade internacional nos últimos trinta anos, já é possível ver alguns líderes lunáticos de alguns países, que imbuídos de um sentimento imperialista, querem agora literalmente e de forma leviana apoderar-se de países e territórios de países soberanos.

Não foi para isto que nós, os nossos país e antepassados, lutaram muitos deles com a própria vida para conquistar a nossa Democracia.

Criámos uma Democracia, que como é sabido será sempre um processo inacabado, sempre suscetível de adaptações, correções e melhorias, mas em 2025 impera que lutemos agora e sobretudo pela sua sobrevivência e manutenção dos valores de abril.

Parece inacreditável, como em meia dúzia de anos, a partir da proliferação dos ideais extremistas pelo mundo inteiro, se põem em causa os valores democráticos que cada país foi conquistando em cada caso, ao longo de décadas.

Estou certo que cada um de nós saberá preservar os valores de abril, honrando o sacrifício e sofrimento dos nossos antepassados.

Tenho a esperança que saberemos sempre discernir de que lado está o bem, o respeito pessoal e institucional, a justiça, a solidariedade e a compreensão.

Viva o 25 de abril,

Viva Portugal,

Viva o Sardoal” -----

Por fim, interveio o Senhor Presidente da Câmara Municipal referindo o seguinte: -----

“A política é, acima de tudo, a arte do encontro. Este encontro é vivido acolhendo o outro e aceitando a sua diferença num diálogo respeitoso. Somos chamados a viver o encontro político como um encontro fraterno, especialmente com aqueles que menos concordam connosco. Esta arte do encontro começa com uma mudança de olhar, sobre o outro, com acolhimento e respeito da sua pessoa, sem condição. A política é também reflexão, ou seja, a formulação de um projeto comum. Entenda-se a política como uma reflexão comum, como um projeto comum, em busca do bem-estar e não simplesmente o confronto de interesses, conflitantes e muitas vezes opostos. Não nos esqueçamos que a realidade é muito mais importante do que a ideia. O todo, é maior que a parte e a unidade é maior que o conflito.

Não são palavras minhas, são palavras do conservador Bergógllo, que todos conhecemos como o progressista, Francisco. Alguém que nos deixou recentemente, um estadista, um grande estadista, um estadista que nos deu uma lição a todos nós em vários níveis, não só em termos políticos da política, pura e dura, daquilo que é a relação entre os políticos, mas também no âmbito da ecologia, no âmbito do ambiente e tudo mais.

Quero dizer com isto que perdemos um grande líder, um grande líder mundial. E o nosso problema em termos de sociedade começa a ser precisamente esse, se olharmos para o passado vemos que um conjunto de grandes líderes mundiais, de vários quadrantes políticos foram desaparecendo e nada nem ninguém os substituiu. Esse é o perigo do nosso mundo e o perigo da nossa Europa. Foram substituídos por aprendizes de

feiticeiros, pessoas que de político têm muito pouco, e há pouco alguém dizia que os políticos são todos iguais, sim, os políticos são todos iguais, porque ser político é uma atividade nobre. É uma atividade de grande grandeza e é uma atividade que temos que assumir como políticos, com toda a coragem, com todo o empenho e dedicação. Muitas vezes esta frase é utilizada para denegrir os políticos, comparando-os com outros que não políticos, o problema é que na política abrimos lugares a aprendizes de feiticeiros que de políticos não têm nada, por isso é importante que se separe o trigo do joio dos políticos. Nós somos políticos, como toda a honra, com toda a dignidade e é muito bom que sejamos todos iguais. Porque ser político é de enorme nobreza, o problema é quando os políticos ou quando os possíveis nobres políticos começam a ser afastados por populismos, por demagogias, por querer chegar ao poder de uma forma livre, de uma forma barata, atropelando tudo isso. Infelizmente é isto que nós temos visto na nossa Europa. Claro que também no nosso país não é diferente, mas a nossa Europa, o nosso mundo está em risco.

A democracia está em risco, por falta de grandes líderes. A nós, independentemente do partido que possamos representar, compete-nos sermos líderes, bons líderes no respeito por aquilo que são as palavras do Papa Francisco, no respeito pela liberdade, no respeito, pela dignidade e no respeito pelo outro político, afastando aqueles que de políticos não têm nada.

Os políticos são todos iguais, nós felizmente somos todos iguais, honramos esta casa, honramos esta Assembleia, honramos este Concelho e honramos este país, não nos podemos é deixar misturar com outros e temos que dizer presente agora, numa altura em que várias eleições se aproximam, o nosso papel é tão importante. Nós, que somos políticos não somos dos outros. É tão importante fazermos ouvir a nossa palavra, é tão importante transmitirmos aquilo que são os nossos valores, mesmo nas diferenças ideológicas que temos e não dar espaço aos outros, que têm outras intenções.

Este é o nosso papel, é o grande desafio que nós temos. É o grande desafio que nós temos, 51 anos depois do 25 de abril, por respeito àqueles que lutaram, por respeito àqueles que pegaram em armas, àqueles que puseram em risco a sua vida, àqueles que sofreram anos e anos nas masmorras deste país, às mãos daqueles que de políticos não tinham nada. Esta é a nossa obrigação, continuarmos aqui nesta casa e noutros sítios, no associativismo, em todo o lado manifestando as nossas ideias diferentes, saudáveis, no respeito pela opinião diferente dos outros. É isto que nós temos de fazer, 51 anos depois do 25 de abril, e é verdade, a democracia está em risco, a democracia na Europa está em risco, a

democracia no mundo está em risco, e para que este risco não seja uma realidade, nós, com os nossos valores, os nossos valores que transmitimos aos nossos filhos, com os valores que transmitimos na escola, com os valores que transmitimos nas nossas associações, com os valores que transmitimos na Igreja, em todos os locais onde fazemos parte, onde temos uma participação cívica, é fundamental não deixarmos este espaço ser ocupado pelos não políticos, que se querem fazer comparar a políticos, mas de políticos não tem nada.

Na verdade, hoje é o meu ultimo 25 de abril como Presidente da Câmara. O Senhor Presidente da Junta de Freguesia fez o favor de me recordar, subscrevo as suas palavras.

Passados estes 12 anos, que vou completar como Presidente de Câmara e 16 anos como político, é claro que há um passado que é sempre bom rever, e rever naquilo que de bom foi feito, naquilo que de muito bom foi feito, mas também daquilo que eventualmente poderia ter sido feito de outra forma, mas é assim, ser político estar na política, é assim, é saber, tentar construir um mundo melhor à nossa dimensão, contribuindo para um mundo mais alargado, mas ao mesmo tempo ter consciência de que não somos perfeitos. Há uma coisa que tenho muita honra, neste momento, nestes dias que se vão aproximando, porque é sempre, "olha, é a minha ultima vez", quero dizer-vos que sinto muito orgulho, em que democraticamente, acho que não há nada a apontar a qualquer um de nós que aqui está. E o melhor exemplo disso foi, aqui presente o meu, não diria mais difícil adversário, porque estaria também aqui a fazer um grau de comparação com outros, mas o mais antigo em que tivemos muitas lutas políticas, boas, saudáveis, sempre num enorme respeito. E a prova de que realmente a política é uma coisa boa e nobre, foi o abraço caloroso que eu dei, que demos, com Fernando Vasco, que há 16 anos que discutimos e que partilhamos ideias muitas vezes diferentes, e chegar ao fim destes 16 anos, e poder dar-se um abraço caloroso como fizemos no início é sinal de que vale a pena e vamos continuando a dar abraços por aí fora e espero dar abraços a todos vós.

Viva o 25 de abril. Viva o Sardoal. Viva a liberdade todos, todos, todos." -----

Em conclusão, a Senhora Presidente da Assembleia tomou a palavra referindo o seguinte:

"Embora muito e muito já se tenha dito sobre o 25 de Abril, continua a ser um tema inesgotável e sempre atual.

Princípios e valores de abril serão sempre liberdade, democracia, paz e dignidade humana.

O 25 de abril inspirou-se em valores humanistas de igualdade, fraternidade e tolerância.

O 25 de abril é uma flor que, embora já conte 51 anos, continua muito frágil, pois no dia a dia, há quem, de forma insidiosa, e cada vez mais sofisticada, a queira vergar, desvalorizar, derrubar, ou mesmo fazer esquecer de forma atrapalhada.

Mas o povo não esquece as portas que abril abriu e continuamos a defender com toda a coragem necessária os valores que abril nos legou, sem os deixar cair no esquecimento, honrando também todos os que contribuíram de forma individual ou coletiva, para que esse dia se tornasse possível. Por isso, e pelo grande significado que tem o 25 de abril, cá estamos e estaremos firmes para continuar, celebrar e festejar esta data, hoje e sempre!

Viva o 25 de Abril

Viva a Liberdade

Viva Portugal

Viva Sardoal' -----

Os membros da Assembleia Municipal terminaram a sessão, de mãos dadas, num cordão humano, cantando Grândola Vila Morena de Zeca Afonso. -----

Não havendo mais nada a tratar, foi pela Senhora Presidente da Mesa, encerrada a sessão, eram dezoito horas, da qual se lavrou a presente ata. -----

O Presidente da Assembleia Municipal _____

O Primeiro Secretário _____